

I CONGRESSO

DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA

BOLETIM DE INFORMAÇÃO N.º 4

Sínteses

«Universidade não significa apenas justaposição de Faculdades estranhas umas às outras, mas síntese de todos os objectos do saber».

S. S. Pio XII

«A função primária e nuclear da Universidade é o ensino das grandes disciplinas culturais».

Ortega y Gasset

«O que distingue a Universidade dos demais grupos sociais é ser um corpo de estudos, de carácter superior, dedicado à pesquisa da verdade e à preparação mais alta das elites de uma nacionalidade».

Tristão de Athayde

«A Universidade naufraga hoje no seu especialismo estéril».

Benedetto Croce

«A Universidade tem o dever de fomentar solidamente o espírito cívico e nacional, estudando as necessidades concretas e actuais do país e aplicando na solução das mesmas os conhecimentos próprios de cada especialidade».

XIX Congresso Pax Romana — 1946

«Nenhuma Universidade pode desprezar o desenvolvimento estético e moral dos seus alunos».

Conferência de Utrecht — 1948

«Se não é possível, em face da actual evolução jurídica, política e social, pensar no regresso à organização comunitária da antiga Universidade, é possível e é necessário restabelecer o espírito de comunidade no âmbito da Universidade».

Francesco Vito

«A Universidade só cumprirá a sua missão educadora quando reconhecer que se deve dedicar à investigação da verdade, a qual se entende, antes de mais, no sentido restrito de conquista do saber pela utilização dos processos mais aperfeiçoados da técnica e de todos os recursos da ciência».

XXII Congresso Pax Romana — 1952

«BEM CONHECER para BEM SERVIR»

Vão a J. U. C. e a J. U. C. F. realizar, dentro de dois meses, o seu primeiro Congresso Nacional sobre o tema «O Pensamento Católico e a Universidade» — e ainda neste momento há quem pergunte: para quê um Congresso? e para quê sobre a Universidade?

Ora, quando em Setembro do ano findo se reuniu em Québec a Assembleia dos estudantes e intelectuais católicos de todo o mundo com o objectivo de estudar «A Missão da Universidade», o Santo Padre enviou-lhe uma mensagem em que, logo nas primeiras linhas, afirmava: «o vosso dever é bem conhecer a Universidade para bem a servir». Nestas palavras, se encontra a razão de ser do nosso Congresso e do seu tema. Nós estudamos e vamos estudar no Congresso a Universidade, porque desejamos servi-la bem! Eis tudo.

Podem agora vir dizer-nos que o tema Universidade não justifica um Congresso... Esses são os que nada «conhecem», do que a Universidade é e do que deve ser. São os que ignoram o fenómeno mundial da «crise da Universidade», talvez porque não lhes interessam senão as «crises» que afectam directamente os seus interesses pessoais. A Universidade está em crise — afirmam-no muitos por toda a parte no mundo de hoje, mas não aqueles que uma consciência acanhada torna insensíveis ao latejar das inquietações duma civilização desorientada e infeliz, que procura nas classes universitárias uma luz queira e nelas mais não encontra do que gestos de indiferença egoísta ou agitações de ainda mais radical desorientação.

O facto está patente: os homens que a Universidade actualmente forma não estão à altura da gravidade dos tempos. São incultos — e a sociedade precisa de homens de larga compreensão; são utilitaristas — e esta «idade do social» requiere-os devotados à comunidade; são indiferentes — e o nosso mundo reclama-os profundamente conscientes da pesada responsabilidade que sobre eles recai.

Situação deplorável e, a bem dizer, trágica, a que urge atalhar! Mas, acaso não tem cada um de nós — por desleixo, incúria, indiferentismo — alguma culpa na sua gravidade? E não cumpre também a cada um fazer tudo da sua parte — hoje, amanhã, sempre! — para a vencer? Estudemos, pois o que a Universidade é e o que deve ser. Tomemos consciência da sua natureza real, da sua missão própria, da sua responsabilidade transcendente. Comparemos esse ideal com a realidade presente, procurando soluções. Ensinemo-lo aos que o não conhecem; recordemo-lo aos que o esqueceram, por fraqueza ou comodismo; procuremos nós mesmos pô-lo já na prática em tudo o que depende de nós.

E aí está justificado o nosso Congresso. Ele será em Portugal — a exemplo de inúmeras iniciativas do mesmo género por todo o mundo — a grande jornada em que os universitários católicos procurarão em conjunto conhecer o melhor possível a Universidade para mais perfeitamente a servir. Para muitos, os mais conscientes, será um «aferir de rumo»; para outros, um despertar de consciência universitária; para todos, um apurar definitivo de responsabilidades. Ao Congresso, pois!

Comentando um inquérito

No último número deste Boletim, foram publicados alguns resultados do primeiro inquérito do Congresso: o que foi lançado aos finalistas de 1951-52. Por falta de espaço, saíram os números sem quaisquer comentários. O efeito foi mau. Os números «não falam por si», é preciso «fazê-los falar». Por isso, a muitos pareceu que aqueles dados não só eram desprovidos de interesse, como, em alguns casos, totalmente absurdos.

Vejamos, porém, que esses se enganaram.

O inquérito pretendia avaliar qual é, actualmente, no fim do curso, a posição espiritual dos estudantes perante a Universidade. Sobre isto, havia no inquérito uma pergunta fundamental: «a Universidade deixa-o desiludido ou satisfeito?» As respostas obtidas são impressionantes: *satisfeitos*, afirmam-se apenas 9% e *desiludidos*, 59%! Entre um extremo e o outro, há 31% de *posição mal definida*, que, embora não desiludidos de todo, *também não podem dizer-se satisfeitos*. Só isto bastaria para mostrar que há uma crise na Universidade.

Mas, donde provém a desilusão dos estudantes? Sendo a desilusão um estado de espírito provocado pela frustração duma expectativa, para lhe achar as raízes importa conhecer o que era esperado e o que se obteve (neste caso, da Universidade). Ora, o inquérito dá, sobre estes dois pontos, informações que não deixam lugar a dúvidas. 68% dos finalistas esperavam, quando ingressaram na Universidade, receber dela «a formação duma mentalidade superior e possibilidades de compreender melhor o mundo, a vida e os seus problemas»; só 20% afirmam que a Universidade correspondeu totalmente a essa aspiração. Também 68% desejavam adquirir «boa preparação profissional especializada»; unicamente 10% se dão por satisfeitos com a preparação profissional adquirida. 37% queriam «desenvolver as suas capacidades de investigação e encontrar possibilidades de a realizar»; apenas 11% conseguiram o seu intento. Conclusão manifesta: a Universidade desilude, não por motivos de secundária importância, mas porque não satisfaz o estudante em nenhuma das três direcções fundamentais da sua missão: cultura, profissão e ciência. Aqui se descobre a verdadeira perspectiva e profundidade da crise universitária.

Outro aspecto grave da mesma crise revela-se na *deformação* de mentalidade que muitos finalistas patenteiam. Assim, enquanto 84% afirmam que a Universidade *deve dar* «possibilidades de compreender melhor o mundo, a vida e os seus problemas», apenas 45% (pouco mais de metade)

entendem ser necessária ao universitário uma cultura «não apenas especializada». Quer dizer: *sente-se* a deficiência e o erro da especialização sem cultura, mas muitos já estão de tal forma influenciados por ela que *não compreendem* que exactamente o que falta à especialização é o complemento de cultura.

Desiludidos pela Universidade que lhes não dá o que desejam, que fazem os universitários? Eis-nos perante uma das verificações mais desoladoras do inquérito: 57% *confessam ter desistido das preocupações que os animavam*. Desejos de cultura, ânsias de compreensão da vida e dos seus problemas, amor à investigação desinteressada, tudo se perdeu e esfrangalhou no desmoronamento das esperanças que a Universidade suscitara. Quando se perguntam os motivos da desistência, uns invocam o próprio regime absorvente de estudos (46%); outros, a falta de recursos (11%). Quanto ao primeiro, adivinha-se que em muitos é uma «desculpa» (mormente nos de certas Escolas de horário mais folgado). A verdade é que a Universidade os «desanimou» de tal modo que não tiveram forças para reagir; não querendo, porém, confessar a si mesmos a sua derrota, acusam o horário e os programas, aliás bastante culpáveis noutros casos.

Num ambiente de tão generalizada abdicação de esperanças e ideais, não admira que, segundo se apurou também no inquérito, apenas 37% dos estudantes tenham procurado «colaborar com outros colegas para completar ou corrigir as deficiências da Universidade». Assim, tem de concluir-se que a atitude corrente do universitário é o abandono mental e a passividade prática, intimamente penetradas de desilusão. Seria absurdo afirmar que toda a culpa cabe à Universidade. Esta desilude, é certo; mas os estudantes não reagem. E não reagem, porque muitos deles não têm vocação universitária. Noutra alínea do inquérito, apura-se que, quando vieram para a Universidade, só 41% sentiam vocação para o estudo e apenas 47% tinham vocação para determinada profissão universitária. O «acesso a situações melhor remuneradas», as «conveniências», o «desejo da família» e o «desejo de alcançar posições de relevo social» influíram respectivamente em 39%, 33%, 26% e 23% dos estudantes. Quer dizer: muitos estudantes vêm para as Escolas Superiores por um *complexo de motivos* que dificilmente se pode considerar expressão duma autêntica vocação para a Universidade. Daí, em grande parte, a sua fraca reacção perante as deficiências desta.

Uma vez mais nos falta o espaço para extrair do inquérito outras lições que ele comporta.

A Comissão Executiva informa...

Está definitivamente constituída a Comissão de Honra do Congresso, que é presidida por S. E. o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa e em que figuram, além de outras individualidades, S. E. o Sr. Cardeal Ciriaci, Pronúncio de Sua Santidade, S. Ex.^a o Sr. Ministro da Educação Nacional, S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} os Srs. Arcebispo de Mililene, Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispo do Porto, e S. Ex.^{mas} os Srs. Subsecretário da Educação Nacional, Director Geral do Ensino Superior, e Reitores das 4 Universidades portuguesas.

*

Foi resolvido convidar os Presidentes de todas as Associações Académicas do País para assistirem, como observadores, ao Congresso.

*

Concluiu-se a recolha dos 14 inquéritos do Congresso, tendo-se verificado que os inquéritos

gerais à população universitária deram um rendimento de cerca de 40% de respostas, o que constitui uma percentagem excelente, sobretudo tendo em vista que, do primeiro inquérito, foram distribuídos mais de 9.000 exemplares.

*

Encontra-se já assegurada a participação activa de numerosos congressistas nos trabalhos do Congresso pela apresentação de comunicações sobre os mais variados aspectos do tema.

*

Acceitaram ser membros de honra do Congresso os Directores de todas as Escolas Superiores do País e o Reitor da Pontifícia Faculdade de Filosofia de Braga.

*

Todos os relatores do Congresso trabalham intensamente na preparação das suas teses e ex-

posições, tendo alguns apresentado já à Comissão Executiva o resultado do seu trabalho.

*

Recebemos de grande número de Bispos portugueses palavras de incitação e de bênção para a nossa iniciativa, tendo os Ex.^{mos} Prelados das dioceses universitárias e S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo de Mililene acedido a celebrar as Missas dos vários dias do Congresso.

*

Os Ex.^{mos} Senhores Prof. Doutor José Pires Cardoso do I. S. de C. Económicas e Financeiras; Prof. Eng.^o Alberto Manzanares Abecassis, do I. S. Técnico, e Prof. Doutor Manuel Gomes da Silva, da Fac. de Direito de Lisboa, acederam a presidir às 3 sessões plenárias de estudo do Congresso.

O que vai ser o nosso Congresso

Amigos:

O que o Congresso vai ser, como *intenção* e *objectivos*, já vo-lo dissemos várias vezes, e uma vez mais o lembramos hoje na primeira página deste Boletim. Mas, que vai ser o Congresso como *organização*? Eis o que ainda é talvez mal conhecido por vós.

Queremos hoje deixar-vos inteiramente esclarecidos sobre este ponto fundamental. Vereis que o nosso Congresso oferece, de facto, garantias de elevação e eficiência.

Divisão do trabalho no CONGRESSO

O Congresso compreenderá reuniões de três tipos diferentes:

- sessões solenes
- reuniões plenárias de estudo
- e reuniões parciais.

Esta divisão corresponde, em parte, à divisão do próprio tema geral do Congresso: «O Pensamento Católico e a Universidade», como se verá.

Como está dividido o tema geral?

O tema geral do Congresso foi dividido em:

- 5 teses fundamentais
- e 10 questões subsidiárias.

As primeiras versarão os *aspectos essenciais* da Universidade, no seu dever ser e na sua realidade histórica.

As segundas abordarão o estudo de certos *problemas teóricos complementares* e a *crítica do estado actual da Universidade portuguesa*.

Quais são e quem vai expôr as teses fundamentais?

As teses fundamentais e respectivos expositores são os seguintes, conforme já foi anunciado:

- *Fins da Universidade*, pelo Prof. Eng. Manuel Corrêa de Barros.
- *Vida institucional da Universidade*, pelo Prof. Dr. I. Galvão Telles.
- *Responsabilidade Social da Universidade*, pelo Prof. Eng. A. Sousa da Câmara.
- *Origem e Evolução da Universidade Portuguesa*; pelo Prof. Dr. G. Braga da Cruz.
- *Universidade e Igreja*, pelo Prof. Dr. Augusto Vaz Serra.

Quais são e quem vai expôr as questões subsidiárias?

As questões subsidiárias compreendem 3 *temas teóricos*:

- Apostolado Universitário
 - Universidade Católica
 - Tipos Actuais de Universidade
- e 7 *temas práticos* de exame da situação universitária portuguesa:
- Condição Económico-Social dos Estudantes
 - Problemas religiosos e morais dos Estudantes
 - Preocupações culturais e ideológicas dos Estudantes
 - O universitário e os problemas do estudo
 - Problemas de vocação e preparação profissionais do Estudante
 - Organizações Universitárias de Estudantes

— A Mulher na Universidade.

Todos estes assuntos serão relatados por estudantes e recém-licenciados das nossas 4 Universidades.

Como serão estudadas as várias divisões do tema geral?

As teses fundamentais serão estudadas nas sessões plenárias e nas sessões solenes.

As questões subsidiárias serão estudadas nas reuniões parciais.

O que são sessões plenárias e solenes?

Nas sessões plenárias e solenes, reunir-se-ão *todos os congressistas* para ouvir a leitura das teses fundamentais.

Serão solenes a sessão de abertura e a de encerramento, que se realizarão sob a presidência de S. E. o Sr. Cardeal Patriarca e com a assistência de altas individualidades.

Nas sessões solenes, proceder-se-á *apenas* à leitura de respectivamente a primeira e a última teses, não sendo estas discutidas. Nas outras sessões plenárias, serão lidas também, em complemento das restantes teses, as comunicações apresentadas pelos congressistas, podendo estas ser objecto de discussão.

O que são reuniões parciais?

Nas reuniões parciais, reúnem-se tão só *os congressistas que para elas se inscreverem*.

Funcionam no primeiro e no terceiro dias do Congresso (5 em cada um desses dias) e destinam-se ao estudo e discussão geral do respectivo tema, com base na exposição do relator. Esta exposição, em cada uma das reuniões de tema prático, será constituída essencialmente pela apresentação dos resultados dos inquéritos do Congresso. As cinco reuniões de cada dia funcionam simultaneamente, pelo que cada congressista só pode participar em *duas* reuniões parciais.

Qual será o resultado final do CONGRESSO?

Na sessão de encerramento, serão lidas e aprovadas as conclusões e os votos finais do Congresso, em que se resumirá tudo o que se tiver apurado nas diversas reuniões.

Mais tarde, serão publicados dois volumes:

- um, doutrinal, com as teses, comunicações e questões subsidiárias teóricas;
- outro, sobre a situação universitária portuguesa, com os relatos das questões subsidiárias práticas e o mapa universitário, já em vias de conclusão neste momento.

... e assim prestaremos também à Cultura Nacional um serviço inestimável.

PÁGINA DE ANTOLOGIA

UNIVERSIDADE E CULTURA

«De toda a parte se alevantam clamores contra a incultura dos homens saídos das escolas superiores, quer para as carreiras literárias, quer para as científicas, o que prova que é insufficientíssima para os tempos de hoje a cultura geral que se aprende, ou pode aprender, nos liceus. O ensino das escolas tem de acompanhar o progresso da cultura. A cultura geral, como hoje é entendida, não cabe no âmbito do ensino secundário, tem de subir mais alto. As Universidades não podem limitar-se a dar cultura especializada. Desde o professor comunista Langevin ao filósofo católico Maritain, passando pelo professor liberal Ortega y Gasset e pelo professor protestante Sir Walter Moberly, todos concordam em que é tríplice a missão das Universidades de hoje: preparação profissional; investigação científica; ensino cultural».

Prof. Doutor Diogo Pacheco de Amorim

UNIVERSIDADE E PROFISSÃO

«O ensino, na sua maior parte, não deve organizar-se em torno da ideia de Ciência mas em volta do conceito de Profissão.

Isto só por si trará um alívio considerável na carga de conhecimentos a ministrar e, portanto, a assimilar. O estudante médio (e é a ele que tem de se dirigir o ensino) não precisa de conhecer nem está habilitado a acompanhar todos os complicados, minuciosos, subtis raciocínios em que se alicerçam as conclusões da Ciência. O que ele necessita saber é o essencial que lhe permite exercer digna e competentemente a sua profissão. Só esse mínimo se lhe deverá ensinar, sem teorias abstrusas, sem a sobrecarga de pormenores fastidiosos nem a roupagem inútil de demonstrações, em que a sua inteligência se enleia e perde.

É com esta economia de tempo e de trabalho que pode contrabalançar-se o maior peso trazido pelas disciplinas culturais. O estudante, sem no conjunto despender maior esforço, acabará por aprender mais coisas. Levará pelo menos da Universidade formação melhor, como homem e como profissional».

Prof. Doutor Inocêncio Galvão Telles

UNIVERSIDADE E INVESTIGAÇÃO

«A investigação científica constitui, com a decência, o mais relevante da obra social que a Universidade desenvolve. Criar ciência, mediante o sereno e permanente trabalho de recolher a sabedoria das gerações anteriores e fazer dela, confrontando-a com o instante que se vive e as necessidades sociais, base da obra fecunda de indagação e experimentação nas ciências da natureza e de valorização histórica e reflexão intuitiva nas ciências morais: eis a intenção universitária que, por dever social, o professorado não pode iludir, em virtude de ser o sector consagrado de modo especial à sua realização e por ser a Universidade a vanguarda da cultura científica da nação, da qual não lhe é lícito desertar se não quer transformar-se em quisto do organismo social.

A Universidade não deve ser mero arquivo de ideias mortas: tem de integrar-se na vida presente e rimar com ela para a orientar e melhorar, actuando em plena força das correntes da vida, não se deixando arrastar por elas, mas canalizando-as pelo sulco da sua eterna missão civilizadora».

Doutor Eusébio Diaz

A UNIVERSIDADE E OS ESTUDANTES

«O vício da moderna Universidade latina, neste particular, é realmente dos mais graves e com profundas repercussões. Consideremos apenas que, para a Universidade, entram rapazes e, da Universidade, saem homens; que o estudante lá atravessa o período intelectualmente mais crítico da sua vida, onde começa a preocupá-lo uma concepção do universo e da existência; que o seu espírito ali desabrocha para a compreensão do viver social, das bases em que repousa, dos seus princípios informadores; que a sua inteligência se abre às mais diversas correntes de doutrina social, política ou económica e se desorienta no entrecrochar de ideias contraditórias em busca de qualquer ponto de apoio; que a sua alma, de juventude exuberante e ansiosa de justiça social, é campo óptimo para a receptividade de todas as influências estranhas, tantas vezes prejudiciais; que, enfim, na Universidade se consolida o carácter do estudante, se desenvolve a sua personalidade moral e intelectual.

Numa fase tão delicada como esta, que amparos encontra o estudante na Universidade?

Pouco mais do que nada.

E que deveria proporcionar-lhe a Universidade, para corresponder aos seus anseios, às suas perplexidades ou hesitações, e para formar a sua concepção da Vida e do Mundo, com vista ao futuro comando que a sociedade civil lhe reserva?

Primeiro, devia dar-lhe os ensinamentos para a formação duma cultura, vertidos num grupo de disciplinas comum a todas as Escolas. Depois, devia dar-lhe o professor, não na regência das suas cadeiras — porque aí já o tem — mas o homem mais velho, mais culto e mais sensato que pudesse aconselhá-lo, esclarecê-lo, encorajá-lo».

Prof. Doutor J. Pires Cardoso

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

«Uma Universidade é, antes de tudo, uma disciplinadora da Inteligência. O que o Estado faz com a ordem jurídica deve a Universidade fazer com a ordem intelectual, isto é, operar, como tanto gostam de dizer os pensadores alemães, a passagem do Cáo ao Cosmos.

Pois bem, pôr ordem nas inteligências é a primeira condição para pôr ordem nas ruas. Esta só garante aquela, quando é sua consequência. De outra forma, é uma garantia exterior e não profunda, mecânica e não orgânica. Ora, não é a ordem acidental que falta ao mundo moderno, e sim a ordem essencial, a hierarquia substancial de valores. E para dá-la, nenhuma instituição cultural supera a Universidade».

Tristão de Athayde

Quando tiveres lido este Boletim, passa-o a outro que ainda o não tenha feito.

Obrigado !